



## Pomos de ouro

Nelson Ascher – Poeta, tradutor e crítico

[...] *el tomate, astro de tierra.*

Pablo Neruda

I)  
calcinadamente  
das cinzas  
do abrasado  
ar estival  
emerge como  
que empalada  
ao revés  
no sol sempre  
a pino  
Taormina

II)  
imprecisamente  
e em trânsito  
entre a bruma  
e o lago  
entre a Suíça

e a sujeira entre  
*Radetzkmarsch*  
e Duomo tal  
qual se já quase  
fosse Itália  
a Lombardia  
começa  
a condensar-se  
em Como

III)  
i.m. Juó Bananere

*podem parlare portoghese*  
disseram no seu português  
adriático os dois gondoleiros  
da mesa ao lado que (*vai*  
*bene* - arriscamos em italiano

do Brás - *noi capiscamos italiano*) garantindo-nos ser *coisa di pazzo venire aqui* arrolaram à guisa de prova num catálogo atualizado paradisíacos inferninhos do eixo São Paulo - Rio nostálgicos que estavam de piranhas como não há nos canais (*che meraviglia u Brasile!*) de Veneza

IV)

concentricamente desde o centro da arena mais que (se bem que em ruínas) perfeita até as perfeitas *piazze* Erbe e dei Signori passando pela (simples à sua maneira) ponte Scaligera os passados (para nem falar de San Zeno infinitiva) coexistem em Verona

V)

literalmente e (como aliás o arco-íris analógico de mármore que mais que ornato do não menos inconsutilmente engastado Chiostro del Paradiso constitui seu tegumento) sem visível sutura incrustada ao arrepio da lei da gravidade numa encosta

perpendicular ergue-se em triunfo vertical sobre o Mediterrâneo Amalfi

VI)

inexplicavelmente como se exceto ali não existisse e mesmo ali nem existisse exceto como que lançando mão da paleta de Simone Martini para elucidar quantos matizes há de azul a lua de verão que esclarecia a Piazza del Campo deixara em sua obscuridade de terracota o resto de Siena

VII)

inconfessavelmente após comerem todo o pó de uma ascensão rumo ao inferno decepcionados com sua desdentada boca vesuviana aos olhos que se vêem na altura onde o antes indeciso panorama se converte em mapa todavia resta banharem-se como que para sempre na baía de Nápoles

VIII)  
 desencontradamente  
 enveredando às três  
 horas da manhã  
 por descaminhos  
 que antigos como todos  
 os outros conduziam-  
 -nos somente a novos  
 descaminhos nem  
 sequer perdidos  
 que estávamos no meio  
 de Roma encontramos  
 Roma

IX)  
 reticuladamente  
 dispostos num mega-  
 monitor como  
 se minerais mas  
 sobretudo de ouro  
 os píxeis *avant*  
*la lettre* que são tivessem  
 sido irradiados  
 de Bizâncio *tesserae*  
*tesserae* e mais *tesserae*  
 ilimitam o firmamento  
 enclausurado na basílica  
 de Monreale

X)  
 provocativamente quando  
 minha avó cuja lua-de-mel  
 fora em Veneza asseverou-me  
 que toda comida italiana  
 sem exceção sabia sempre a  
 tomate buli com seus brios  
 magiares dizendo que a terra  
 dela admitia um só sabor

correto o da páprica ubíqua  
 mas misericordioso nada  
 falei da pizza tricolor que  
 batizando-a de *Marguerita*  
 o *Brandi* de Nápoles criara  
 a fim de homenagear em mil  
 oitocentos e oitenta e nove  
 a homônima rainha nem  
 exaltei quer a *sfogliatella*  
 de lá e o *canolli* siciliano  
 quer o ossobuco à milanesa  
 ou a bistecca à florentina  
 ou mesmo o doce amalfitano  
 de beringela porque a prova  
 do pudim seja na península  
 gastronômica seja em suas  
 colônias culinárias (como  
 dizia Engels) está em comê-lo  
 (e é do México que ademais  
 vieram a páprica e o tomate)